



Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2011)

Flávio Augusto Cella-de-Oliveira¹

flaviocella@yahoo.com.br

Vivian C. Jacob Costa Gagliardi²

vivianjacob@hotmail.com

Luciano Munck³

munck@uel.br

Sílvio Roberto Stefano⁴

professor-silvio@hotmail.com

A POSSÍVEL INTERAÇÃO ENTRE A PERSPECTIVA CRÍTICA E FUNCIONALISTA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

De acordo com o modelo paradigmático de Burrell e Morgan (1979), nascem quatro visões de mundo, que segundo Morgan (2007), à partir da análise da teoria social e da teoria das organizações, representam diferentes conjuntos de pressuposições meta-teóricas sobre a natureza da ciência, a dimensão subjetiva-objetiva, e a natureza da sociedade, a dimensão da mudança por regulação ou via radical. Cada um desses quatro paradigmas – funcionalista, interpretativista, humanista radical e estruturalista – representa uma gama de escolas de pensamento inter-relacionadas, diferenciadas em abordagens e perspectivas, mas que compartilham pressupostos fundamentais sobre a natureza da realidade a que tratam (MORGAN, 2007). A principal teoria do estruturalismo radical é a teoria crítica, a qual tem historicamente se confrontado ao funcionalismo, sendo alvo de embates teóricos por parte de seus defensores, o que, então, motivou este ensaio teórico a discorrer sobre a interação entre estas duas visões de mundo, ao mesmo tempo tão distantes e tão próximas. O objetivo geral deste trabalho é discutir o ponto de equilíbrio entre estas duas correntes. A teoria crítica, de acordo com Nobre (2008), é permanentemente renovada e exercitada, não pode ser fixada em um conjunto de teses imutáveis, o que significa que não é uma doutrina acabada. A teoria crítica, na formulação original de Marx está dirigida pela e para a prática transformadora, contudo, ressalta-se que não há um abandono da teoria em prol da prática, reconhecendo o valor da análise das estruturas sociais reais. Para Alves-Mazzotti e Gewandsnajder (1998) a palavra “crítica” diz respeito à análise das condições de regulação social, desigualdade e poder. Assim, os teóricos críticos enfatizam o papel da ciência na transformação da sociedade. Em contrapartida, o funcionalismo tem suas bases no positivismo, onde, para Martins (1997), suas raízes estão na Psicologia e na Antropologia. O funcionalismo apoia-se em esquemas básicos de processos de socialização, admitindo assim que os fenômenos acontecem dentro de formas invariantes, devido à estrutura funcional básica geral e comum. Em outras palavras, Morgan (1997) caracteriza o funcionalismo na pressuposição de que a sociedade tem existência concreta e real e um caráter sistêmico orientado para produzir um estado de coisas

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina.

³ Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Estadual de Londrina e Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

⁴ Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Londrina/Universidade Estadual de Maringá e Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR.

ordenado e regulado. Ele estimula uma abordagem para a teoria social que focaliza o entendimento do papel dos seres humanos na sociedade. Através do exposto, pode-se, portanto, verificar a divergência entre as duas visões de mundo apresentadas, e de acordo com suas características expostas torna-se compreensível a existência de um forte embate entre os adeptos de um e de outro paradigma. Contudo, este ensaio defende a interação entre estas duas perspectivas argumentando que a crítica “desconstrutora” da realidade é geradora de objetos de estudo para o funcionalismo. Uma vez que a teoria crítica não foca em apontar soluções para as problemáticas elencadas, os funcionalistas se apropriam desta realidade desconstruída, tomando-a como objeto de estudo, e através da aplicação de ferramentas, criam soluções ou respostas para estas lacunas. Embora Adorno, defensor da teoria crítica, e Lazarsfeld, adepto do funcionalismo, reuniram-se no período de 1938 a 1941, para, de acordo com Frederico (2008) realizarem uma pesquisa juntos, não houve um consenso, tornando a colaboração impossível, estando na raiz da discórdia a divergência entre a metodologia funcionalista e a teoria crítica, onde Adorno criticava em Lazarsfeld o apego ao imediatismo, sem levar em conta a categoria dialética da mediação. Ainda assim, percebe-se, que a sociedade não é capaz de se desenvolver apenas da crítica, demandando do funcionalismo para que seja restaurada a desconstrução criada por estes primeiros pesquisadores. Na perspectiva da teoria crítica, o funcionalismo é “inferior”, por utilizar-se de conhecimentos estanques, sistematizados, baseados em modelos e premissas, valorizando o empirismo, não sendo estas escolas capazes de perceberem o real sentindo da sociedade, e assim, incapazes de serem emancipados, já que são “cegos” a realidade. Não há como discutir a veracidade de tais pontos de vista da teoria crítica sem tomar partido de algum paradigma, contudo, isto não faz parte do presente trabalho, o qual deseja apontar a interação da teoria crítica com o funcionalismo, para o desenvolvimento social. Pode o funcionalismo ser uma abordagem inferior na visão da teoria crítica, contudo, não haveria crescimento social apenas do apontamento de lacunas, sem o estudo a fundo, a sistematização, e a obtenção de resultados, características estas do funcionalismo. Um sujeito emancipado não apenas deve ser crítico a ponto de visualizar a problemática, como também deve ser capaz de conhecer os instrumentos e técnicas para resolução desta, ainda que não trabalhe com os mesmos. Neste ponto de vista é possível visualizar a relevância de uma interação positiva e necessária dessas duas visões de mundo, capazes de juntas construir uma nova realidade social.

Palavras chave: Teoria Crítica; Funcionalismo; Modelo Paradigmático.

REFERÊNCIAS

BURREL, G. MORGAN, G. *Sociological Paradigms and organizational analysis*. London and Exeter, NH: Heinemann, 1979.

FREDERICO, C. **Recepção:** divergências metodológicas entre Adorno e Lazarsfeld. *Matrizes*, São Paulo v.1, n.2, p.157-172, abril 2008.

MARTINS, G. A. Abordagens metodológicas em pesquisas na área de Administração. *Revista de Administração*, São Paulo v.32, n.3, p.5-12, julho/setembro 1997.

MAZZOTTI, A. J. GEWANDSNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. 2ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

MORGAN, G. **Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações.** *In:* CALDAS, M. P. BERTERO, C. O. (Organizadores). Teoria das organizações. São Paulo: Atlas, 2007. p.12-33.

NOBRE, M. **A teoria crítica.** 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.